



## A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DAS INSTITUIÇÕES

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.

Jaqueline Kotlinski, UNICENTRO

Alexandra Lourenço, UNICENTRO

### Resumo

Os problemas enfrentados pelo ensino de História geram um grande debate na academia sobre as mais variadas formas de ensino, sendo assim o presente trabalho busca analisar um “lugar de memória” que pode ser caracterizado como um espaço educacional não formal. O museu a ser estudado é de cunho privado, pertencente a um filho de escravo liberto, localizado na cidade de Guarapuava-PR. O Espaço contém uma grande quantidade de objetos e documentos que chegaram até ele por doações e até mesmo por herança de sua família. Utilizando de entrevistas, fotografias e demais documentos, buscamos compreender a importância desse espaço para o ensino e como ela contribui para a educação das relações Étnico-raciais que em 2004 se tornou obrigatório nas escolas.

### Palavras Chave:

Educação; museu;  
relações étnico-raciais.

## Introdução

Por muito tempo houve apenas uma história ensinada pelo viés europeu e tendo como único protagonista o mesmo. Grande parte dos povos como Michelle Perrot (1988) salientou eram “Os excluídos da história”, tanto as mulheres, indígenas e os negros eram considerados povos sem história, excluídos de diversas formas. Entre esses excluídos, no nosso trabalho, falaremos um pouco da história dos negros.

Se nos perguntarmos qual ideia povoa a memória quando falamos de negro, africano, afro-brasileiro dificilmente nos virá uma lembrança das contribuições dos negros na formação do Brasil e muito menos saberemos sobre sua história, cotidiano, suas crenças e costumes que formam sua identidade. Identidade que muitas vezes é alvo de preconceito, racismo e até intolerância por escolhas religiosas que por falta de conhecimento são motivos de chacota e malditos em roda de conversa.

Sabemos que a educação caminha para uma mudança dos estereótipos construídos historicamente referente a figura do negro. Mas isso é um processo lento e árduo de integração desses grupos nos âmbitos sociais. O Estado por muito tempo foi agente principal no reforço da ideia racista e preconceituosa de hierarquia social estabelecida pelo critério de raça do século XIX de acordo com Gillies (2017,p. 121). Hoje políticas públicas e projetos de reparação de toda essa exclusão vem fazendo parte do papel do Estado. Uma dessas medidas pode ser observada com a lei 10639/2003<sup>1</sup> retirada das diretrizes curriculares (BRASIL, 2013, p. 477), que faz com que o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira tenha se tornado obrigatório no meio educacional, segundo ela também isso tornou-se possível através de:

[...] reivindicações e propostas do Movimento Negro ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a de educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir. (BRASIL, 2013, p.477)

Buscamos no decorrer do seguinte trabalho compreender como nosso objeto de pesquisa, “o museu do seu Tuto”, localizado em

Guarapuava-Pr, sendo de caráter privado, pertencente a um descendente de escravo torna-se um espaço considerado de educação não formal, o qual pode ser visto como um “lugar de memória” que contribui para esse objetivo das diretrizes curriculares auxiliando na prática da lei 10639/2003. (BRASIL, 2013, p.477)

Utilizaremos como fonte o seu acervo tanto de objetos diversos, como recortes de jornais, fotografias, entre outros documentos e utilizaremos também da entrevista oral. Consideramos neste trabalho as entrevistas como algo maior do que a narrativa de determinados acontecimentos, mas como um discurso que nos possibilita analisar um pouco da trajetória de sua vida, sua cultura, e sua própria identidade a partir dos próprios de sua memória.

## Educação não formal

Quando pensamos em educação nos vem a memória, a escola, no entanto o ensino vem mostrando novas metodologias. Muitas são as críticas aos professores tradicionais que se consideram portadores do conhecimento, porém o que por muito tempo ficou em quatro paredes no modelo de uma aula tradicional expositiva vem se modificando para a própria melhoria do ensino.

Formar não é tão simples assim, como educadores devemos entender que a educação não é apenas sala de aula, ou escola e sim a educação reflete e se realiza no mundo externo. Todos os espaços se complementam para o ensino por isso temos três tipos de educação: a formal, a informal e a não-formal que é a discussão do nosso trabalho.

A autora Maria da Gloria Gohan (2014) nos ajuda a explicar a diferença entre as três. A educação formal é aquela educação planejada para ser “aplicada” em sala de aula. Já a educação informal é construída com base nas relações sociais de cada sujeito, é tudo aquilo que ele aprende na família, com os amigos, nos lugares externos a escola, são todas as informações depositadas no indivíduo, que sendo influenciado por sua cultura e percepção própria de vida constrói o conhecimento dito informal, pois se dá a partir das relações de convívio social. A educação não formal se dá pela intencionalidade do indivíduo ir até determinados lugares, tomando certos procedimentos para a realização de tal. A educação não-formal se dá em espaços como museus, projetos de extensão, movimentos sociais entre outros.

Ela parte da ideia de que o conhecimento é construído coletivamente sem um agente

<sup>1</sup> Estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica.

principal, e sem conteúdo para ser seguido. E tudo o que for construído dependerá do contexto local dos indivíduos, problemas que estão em seu cotidiano e que irão influenciar a ações do grupo.

### **Museu: sua importância para a educação**

Quando falamos de educação não-formal podemos abordar o espaço que é centro de nossa pesquisa e se encaixa nessa definição: os museus. Esses espaços que estão cada vez mais sendo utilizados na prática docente, mas muitas vezes apenas como uma ilustração das aulas de História como constata a especialista Elaine Hirata (1985) do museu de arqueologia e a etnologia da USP, precisa de uma atenção maior.

Acredita-se que nesse modelo educativo que lhe é atribuído, o museu não possui seu papel real educacional. Nessa metodologia pedagógica apenas ilustrativa e sem a transformação dos seus objetos em fonte histórica a aprendizagem dos alunos limita-se a reprodução do conhecimento aprendido em sala e também das legendas ou o que os contam sobre as peças. (HIRATA, 1985)

Os museus são fontes nas quais os alunos podem aumentar suas percepções imagéticas, entender que tudo o que está ali são objetos de uma cultura, fazem parte de uma história e um modo de vida e ainda mais como complementa e nos auxilia nessa discussão Circe Bitencourt, os professores devem refletir sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social. (BITENCOURT, 2008, p. 356)

Os alunos precisam ser incentivados a ver aquilo não apenas como algo curioso, diferente, mas que façam indagações sobre o por que está ali? Quem doou? O que representa? Se representa algo? Que tempo e espaço foi construído? Entre outras problemáticas que se tornam fundamental na construção do conhecimento que faz tornar possível entender o real sentido dos museus serem um espaço educacional que produzem o próprio conhecimento e não apenas como mera ilustração das aulas.

### **Resgatando a memória a partir da educação não formal**

Nosso objeto de pesquisa é considerado como um espaço de educação não formal, mesmo sendo um museu privado ele é aberto ao público, recebendo visitas que precisam ser agendadas. Todas as visitas contam com a possibilidade de análise dos objetos e documentos, e também é possível recorrerem a memória individual do senhor Jozeol de Freitas nascido 04/07/1937

atualmente com 80 anos de idade, proprietário do museu, conhecido na cidade de Guarapuava como senhor Tuto. Percebemos durante as entrevistas que sua memória dá ênfase em certos acontecimentos o que possivelmente nos faz acreditar que para ele teve uma maior relevância e levamos em consideração também as lacunas de sua memória devido ao tempo vivido e por consideramos que a memória é, de fato, uma seleção de vivências.

Apesar de tantas críticas sobre a veracidade da fonte oral ela se fortaleceu e contribuiu para que mudasse a forma de definir a história. Uma das críticas que se empregavam sobre a oralidade é devido ao grau de fidelidade e integridade do material. Apesar de tudo isso a tradição oral tornou-se autêntica e onipresente, variando de acordo com os tipos de organização social. (HAMPATÉ, 1980 apud KI-ZERBO, 1980, p.168).

Uma explicação para a validade da oralidade é como Hampaté explica “Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra.” (HAMPATÉ, 1980 apud KI-ZERBO, 1980, p. 168). Sendo assim mesmo os documentos escritos passam antes pela oralidade, portanto nenhuma fonte torna-se totalmente confiável.

A importância da tradição oral vem desde os primórdios da humanidade, com relatos de experiências, narrativas de vida e hoje é uma fonte muito importante para as mais diversas pesquisas, que buscam através de entrevistas ou relatos a interpretação de uma cultura, costumes ou crenças. A fonte oral permitiu que os sem voz da história se sentissem também pertencentes a um lugar, como importantes sujeitos históricos para formação de uma sociedade. (PERROT,1988)

### **Entre conversas e obras de arte**

Em um primeiro momento da entrevista pedimos que ele nos relatasse de onde surgiu o interesse em ser uma espécie de memorialista ou guardião da cultura de suas raízes, por fazer esse resgate cultural do passado.

Muitos anos desde criança eu gostei de preservar as coisas escutando a história do meu pai no inverno grande, aqui em Guarapuava, então nós tínhamos uma cozinha de chão batido e os banquinhos, eramos em cinco. Quatro, mulher e eu, meu pai contava a história e a gente veio muito se ligando naquela história que até dia de hoje

eu não esqueço e fico até emocionado pelo que ele me ensinou... (silêncio breve) devo a ele e se tô aqui e sou uma pessoa conhecido dentro de Guarapuava e respeitado é devido ele, dos ensinamentos que eu trouxe da minha casa” (Freitas, 2017)<sup>2</sup>

Essa vontade de preservação dos objetos, recortes de jornais, ofícios, fotografias entre outros faz com que seu tuto seja um resgatador da cultura afro, tornando assim seu museu um ‘lugar de memória’. Os lugares de memória são, antes de tudo, restos.

São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13).

Esse espaço que é uma representação da história afro, e que pode servir para os alunos como um exemplo da resistência da história africana, afro-brasileira, que por muito tempo foi esquecida e deixada para trás. Os alunos ou quem for até lá tem a oportunidade de ouvir diretamente de um afro-brasileiro o orgulho de sua identidade, assim como o senhor Jozoel mesmo nos disse: “Se quiserem me chama de negro pra mim tanto faz, eu sou eu sou, como é um alemão como é um italiano né.” (Freitas, 2017)

As peças do museu muitas são de doações, algumas de seu pai e também muitas peças feitas por ele mesmo, máscaras africanas, guerreiros, tudo moldado a mão na madeira. E perguntando sobre qual era sua inspiração ele nos disse: “Eu puxo muito pelas minhas raízes pode vê que todo meu trabalho puxa muito pra África. Então eu acho que eu desenvolvo um trabalho afro brasileiro trazendo lá das raízes.” (Freitas, 2017)

Em todo discurso do senhor Jozoel de Freitas, vulgo senhor Tuto, percebemos o orgulho quando fala de suas raízes, em contrapartida nos faz refletir que muitas vezes as raízes, as culturas africanas aqui no Brasil são ocultas pelos próprios descendentes afro-brasileiros, pois cresceram em uma sociedade onde o preconceito, piadas e estereótipos sobre os negros é recorrente. Crescem acreditando que realmente existe um

grupo “superior”, uma moda, uma cultura melhor que a outra. Não nos aprofundaremos na questão da identidade, mas fica uma problemática que pode ser levantada pelos professores na educação.

A relação do seu Tuto com a preservação, como ele nos relatou, inicia desde a infância. No decorrer de sua vida pública, mais ou menos em 1977, começou a trabalhar no museu “Visconde de Guarapuava” no qual pode aprender as táticas e estratégias de organização das peças e do espaço. Nas entrevistas não conseguimos os dados de quando foi a fundação do museu, mas sabemos que em 1977 seu Jozoel já fazia uma parcela das esculturas que hoje fazem parte de suas obras. Segundo ele: “Eu sempre gostei de criar novidade que eu achava que era preciso para Guarapuava” (Freitas, 2017)

Todo esse seu interesse fez com que se tornasse possível a construção de um museu e analisando uma ata, ofícios e fotografias pudemos perceber como esse espaço se faz importante para a cidade de Guarapuava e para todos que desenvolvem estudos ou apenas pretendem conhecer e aprender um pouco mais sobre as raízes afro que se torna possível através de todas as obras, acervos e também através da memória do seu Tuto.

Recorrente seu Tuto recebe também convites para palestras e exposições em escolas e até universidades. Hoje todas as peças ligadas a cultura afro-brasileira que ele recebe doação são arquivadas no museu para visitação. Ao perguntarmos sobre peças que não haviam sido feitas por ele, tivemos a seguinte resposta: “Doações que me fazem eu inclusive peço, peço porque eu trabalho com as escolas então esse é meu jeito de chegar nas pessoas, então elas me dão, tem alguma peça do meu pai antiga tem, tem 4,5,10 peças que eu peguei e guardei” (Freitas, 2017)

Ele considera gratificante e fica muito feliz em poder receber os alunos e as pessoas que se interessam pelo seu trabalho. O que é possível nesse espaço com o auxílio de um professor foge do que muitas vezes é feito nas escolas, apenas o ensino do folclórico, só para cumprir a lei do ensino da História e da cultura africana e afro-brasileira.

<sup>2</sup> As entrevistas mantiveram a redação de acordo com a fala do entrevistado.



Figura 4 – Palestra do senhor Jozoel em seu museu em 2011



Fonte: museu do seu Jozoel de Freitas.

O senhor Tuto sabe a importância do seu trabalho para os alunos. Continuando a entrevista ele nos explicou que:

Trabalha com acervo isso eu sempre gostei, trabalha com escultura a qual faço esse trabalho de madeira, tudo em minha mão, eu trouxe lá de casa, lá do meu passado e gostei sempre de preservar junta, materiais que não vai servir pra mim e sim para os estudantes o qual tenho muito servido na escola da cidade, município, faculdade, universidade. Todo esse material é muito rico pra eles que são estudantes. (FREITAS, 2017)

Toda a desigualdade construída historicamente faz com que hoje pagamos o preço de uma sociedade com uma consciência histórica preconceituosa e excludente. Seu Tuto tem plena consciência da importância do seu trabalho para o ensino e mesmo com 80 anos de idade, não deixa

morrer suas histórias que relembram suas raízes e que continuam cristalizadas em todos os seus documentos e obras permitindo que aos poucos essas ideias racistas e preconceituosas enraizadas em nossa sociedade sejam excluídas.

## Referências

- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília, 2013, p.498-515.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos**. Investigar em educação, n.1, 2014, p.35-50. Disponível em: [https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn\\_2014.pdf](https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf)
- GILLIES, Ana Maria Rufino. O conceito de cultura e o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e indígena. In: GERMINARI, Geysa Dongley; GILLIES, Ana Maria Rufino (orgs.). **Ensino de História e debates contemporâneos**. Guarapuava: Unicentro, 2017, p.113-136.
- HAMPATÉ BÂ, Hamadou. A tradição viva. In: KIZERBO, Joseph. História Geral da África: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ed. Ática, 1980, p.167-207.
- HIRATA, Elaine Veloso. Relato de experiências educativas do MAE:1981-1982. Dédalo, São Paul, nº 24, p 11-2, 1985.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª.Ed , 1988.